

O trabalho com os sentidos em Saussure e Pêcheux. O retorno da figura d'*O Casaco de Arlequim*¹

Aracy Ernst²

Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, Brasil
Fundação Universidade do Rio Grande, FURG, Rio Grande, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta a possibilidade de convergência entre Saussure e Pêcheux no que concerne ao trabalho com o sentido, baseado em duas categorias teóricas: a noção saussuriana de *valor*, intrinsecamente ligada à visão sistêmica de língua, e a noção lacaniana de *real*, fundamentalmente compreendida como aquilo que resiste à simbolização. O trabalho retoma aspectos do artigo *O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux* (2005) relativos à noção de *valor* e mostra que o distanciamento divulgado entre esses dois autores denega aquilo que os aproxima no trato com a língua: a poesia como seu reverso.

Palavras-chave: Língua; Sentido; Valor; Real.

Title: The work with meaning in Saussure and Pêcheux. The return of the figure from *The Coat of Arlequim*

Abstract: This article presents the possibility of convergence between Saussure and Pêcheux regarding the work with meaning, based on two theoretical categories: the Saussurian notion of value, intrinsically linked to the systemic view of language, and the Lacanian notion of the real, fundamentally understood as that which resists symbolization. It summarizes aspects of the article *The Coat of Arlequim: a reflection on the semantics proposed by Michel Pêcheux* (2005) related to the notion of value and it shows that the distance disclosed between these two authors denies what brings them together in dealing with language: the poetry as its reverse.

Keywords: Language; Sense; Value; Real.

Pêcheux não invoca de forma alguma a “superação” da dicotomia língua/fala. Saussure é, para ele, o ponto de origem da ciência linguística. A seus olhos, o deslocamento operado por Saussure, da função para funcionamento da língua, é um adquirido científico irreversível (Maldidier, 2003, p. 22).

Acredito que a metáfora pensada ao título desta reflexão – *O retorno da figura d'O Casaco de Arlequim* – possa causar um certo estranhamento, da mesma forma que a

¹ Este texto foi apresentado no evento “Ciclo de conferências em estudos da linguagem. Da linguística do sistema à linguística do discurso”, promovido pelo ILA/FURG e organizado por Lauro Gomes. Realizou-se no *campus* São Lourenço do Sul, de 18 a 20 de janeiro de 2023.

² Professora Titular dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8685-9021>. E-mail: aracyep@gmail.com.

junção operada entre Saussure e Pêcheux. Daí, as prováveis questões: qual a relação possível de ser estabelecida entre elementos provenientes de regiões aparentemente tão díspares quanto a do teatro e a da ciência linguística? Como estabelecer ligação sobre a questão do sentido entre campos do saber linguístico bastante diferenciados, cujos representantes máximos, Saussure e Pêcheux, geralmente nos são apresentados como antagônicos e inconciliáveis?

Tais aproximações, possivelmente interpretadas como inusitadas por desavisados, poderiam parecer uma estratégia para capturar o interesse do leitor – não a nego totalmente –, mas o fundamental, ou o *leit motif*, consiste em refletir acerca de aspectos relacionados ao trabalho com os sentidos em Ferdinand de Saussure e em Michel Pêcheux, na tentativa de (re)pensar um discurso que ordinariamente os aparta. Essa possibilidade de concerto – o que não significa redução de um ao outro – poderia ser entendida como um contrassenso, pois o primeiro é considerado o fundador da ciência linguística de base positivista e idealista³, se se tomar como referência o *Cours de Linguistique Générale* (CLG)⁴; e o segundo, o fundador de uma semântica de base materialista, que se opõe ao idealismo em suas formas de exploração regressiva das ciências: o realismo metafísico e o empirismo lógico (Pêcheux, 1988). Entretanto, o que proponho, neste espaço, é buscar desradicalizar as interpretações absolutas e pretensamente definitivas, tornadas/tomadas por demais *óbvias*, que circulam sobre a separação entre eles, sem, contudo, pretender uma *reunificação enganadora*⁵, apagando as contradições que os constituem.

Quanto ao outro estranhamento, deve-se à retomada de alguns aspectos de um artigo que escrevi em 2005, cujo título é *O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux*, publicado na revista *Estudos da Língua(gem)*, num número temático sobre Michel Pêcheux e a Análise de Discurso em que trago uma reflexão sobre o texto fundador e polêmico, escrito por Michel Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry em 1971, na revista *Langages*, n. 24, *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*⁶. Na época, a preocupação era marcar o fato de que o teor crítico ali presente aprofundava as bases teóricas do discurso e estabelecia a fundamentação de uma semântica discursiva que excede os limites do estritamente linguístico e constitui o campo do conhecimento designado por *Análise de Discurso*.

³ No artigo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, os autores, ao trazer a questão da analogia para a reflexão sobre a semântica, colocam que, para Saussure, “a idéia não saberia ser de outra forma senão totalmente subjetiva, individual. Portanto, visto que atrás de toda analogia há necessariamente uma idéia, é preciso obrigatoriamente passar pela fala e pelo sujeito individual” (Haroche; Pêcheux; Henry, 2007, p. 23).

⁴ Trabalho de compilação de anotações das três séries de conferências do curso de Saussure (1907, 1908-1909, 1910-1911), realizado por seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye e publicado em 1916. Essa obra revolucionou o campo dos estudos linguísticos.

⁵ Aproprio-me aqui do sintagma utilizado por Pêcheux (1982) no texto “Sobre a (des)construção das teorias linguísticas”.

⁶ Esse importante artigo foi publicado primeiramente no Jornal Comunista L’Humanité e posteriormente na Revista *Langages*, número 24, em 1971. Em 1990, integrou a obra de Denise Maldidier, *L’inquietude du discours: textes de Michel Pêcheux*. A versão em português encontra-se no livro *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*, organizado por Roberto Baronas e publicado em 2007.

Para o desenvolvimento desse trabalho realizado anteriormente, utilizei-me da figura de Arlequim, personagem da *Commedia dell'arte*, conforme apresentada na obra *Filosofia Mestiça* (1993) de Michel Serres, que metaforiza sua proposta filosófica, complexa e singular, situada longe de disputas que se resolvem com a exclusão do outro; ao contrário, sua “pegada” filosófica mistura o estranho, incorpora o outro, perfura as linhas demarcatórias entre saberes e torna-os espaços mestiços. Valho-me aqui do seguinte fragmento do texto que consta na aba do livro do filósofo:

Nenhuma solução é única nem dura para sempre; nenhuma ciência ou disciplina tem sentido se não se abre para o que lhe é exterior. Para ele, o espírito do sábio não se cobre com o manto de Salomão, o compenetrado rei-sol que a tudo subordina, mas como o casaco furta-cor de Arlequim, o desengonçado imperador da lua que se mistura com seus súditos. Os ruídos, os desvios, as imperfeições da experiência integram, legitimamente, o processo de conhecimento. [...] Não lhe interessam os debates que só podem ser resolvidos através da exclusão do outro. Seu trabalho, ao contrário, lança pontes, estabelece relações entre conjuntos que nunca tinham sido ligados (Serres, 1993).

Essa citação interessa-me porque, por um lado, permite justificar, de alguma forma, relações entre diferentes campos do saber: neste espaço, entre teatro – o Arlequim, personagem da *Commedia dell'arte* – e estudos linguísticos; entre uma perspectiva formalista, objetivista e racionalista, que obliteraria a subjetividade, e também a história e o sentido, ao estabelecer a língua, e não a fala, como objeto de estudo da ciência linguística; e uma perspectiva materialista que (re)introduziria tais elementos no estudo da língua, melhor dizendo, no estudo dos processos discursivos e entre saberes que se (com)formam em universos logicamente estabilizados e aqueles que ousam romper seus limites. Por outro lado, a citação permite interpretar que um processo de conhecimento procedente é lugar de inquietação que abarca os incômodos da experiência, ou seja, o que não cabe num mundo semanticamente estabilizado. É nesse lugar de inquietação que situo o trabalho de Saussure e o trabalho de Pêcheux, pois cada um, a seu modo, lidou com a linguagem a partir de focos – mestiços e estranhos – e inovaram: o primeiro, determinando o campo da ciência linguística e definindo o seu objeto, opondo-se aos estudos da linguística histórico-comparativa, sendo neogramático⁷ de formação; o segundo, propondo um investimento teórico de base materialista, contestando a visão idealista dominante nos estudos linguísticos.

Nessa perspectiva em que é proposta uma pulsação entre saberes diferenciados, saliente, de início, a importância de Saussure para a definição do objeto da Análise de Discurso formulada por Pêcheux: o discurso. Malidier assim se pronuncia acerca do livro *Análise Automática do Discurso*⁸:

⁷ Os neogramáticos construíram um método no campo da Linguística histórico-comparada nos moldes das ciências naturais, tendo como preocupação estabelecer leis fonéticas a partir da observação das regularidades observadas.

⁸ Nessa obra publicada em 1969 (AAD-69), encontram-se embrionariamente os elementos constitutivos da futura teoria materialista do discurso. O autor busca definir um dispositivo técnico informatizado para proceder a uma leitura sem implicações de ordem subjetiva.

As páginas que Michel Pêcheux consagra a Saussure guardaram sua força; elas inauguraram uma problemática original que não vai parar de se aprofundar. [...] Michel Pêcheux constitui o discurso como uma reformulação da fala saussuriana, desembaraçada de suas implicações subjetivas (Maldidier, 2003, p. 21-22).

Destarte, o discurso, sob a perspectiva formulada por Pêcheux, institui-se como um objeto singular que emerge a partir da reflexão acerca da dicotomia saussuriana – língua/fala –, atestando a língua enquanto sistema e colocando a fala enquanto discurso, dissociada da concepção idealista de subjetividade, qual seja, a de sujeito psicológico, como é o caso das abordagens pragmático-comunicacionais. O discurso passa então a ser considerado através de uma ótica materialista, constituindo-se num objeto novo, mas fortemente escorado na “ciência linguística” (Maldidier, 2003, p. 21). Saussure, portanto, encontra-se presente, na proposta pecheuxtiana, desde as primeiras fases de construção da teoria do discurso.

Um outro liame importante de ser referido diz respeito ao fato de Pêcheux, ao tratar do processo de metaforização, recorrer ao conceito saussuriano de *valor*. Como se sabe, essa noção, no CLG, vincula-se estritamente à língua como sistema, ou ao princípio de unidade da língua. Essa noção de valor que vai direcionar a prática dos linguistas a partir de Saussure encontra-se, por sua vez, ligada a concepções de fundamental importância nessa proposta teórica, quais sejam: a de *identidade* e a de *relação*.

No artigo *O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux* (Ernst-Pereira, 2005), há a retomada da distinção saussuriana dos dois tipos de identidade: a identidade relacional e a identidade material, e dos dois exemplos utilizados pelo autor, fora do âmbito linguístico, para explicá-los. No primeiro caso, menciona a comparação feita por ele entre a identidade relacional do fenômeno linguístico e a identidade de dois expressos Genebra-Paris, das 8h45min que partem com 24 horas de intervalo. Nele, o autor exemplifica a identidade relacional, dizendo que a locomotiva é diferente, assim como são diferentes os vagões, os funcionários, os passageiros etc.; todavia, embora materialmente diferentes, trata-se do mesmo expresso e não, por exemplo, do expresso Paris-Genebra, das 12h15min. Isso ocorre devido ao fato de os dois expressos das 8h45min ocuparem o mesmo lugar no sistema e oporem-se aos demais elementos desse próprio sistema. Quanto à identidade material, o exemplo trazido por Saussure diz respeito a um suposto caso de furto de uma roupa que, posteriormente, será encontrada numa loja. A substância é a mesma: o mesmo tecido, o mesmo forro, os mesmos aviamentos etc. Entretanto, outra roupa, por mais parecida que seja com a primeira, não será a mesma roupa.

Daí a explicação fundamental, dada pelo autor, relativa à identidade linguística: sua natureza não é essa, porque a matéria, a cada novo emprego de uma palavra, renova-se, constituindo-se num novo ato fônico e num novo ato psicológico. Assim, dois elementos podem ser materialmente idênticos sem ocupar o mesmo lugar no sistema, como em: *eu falo* e *o falo*, *eu pulo* e *o pulo*, *eu estudo* e *o estudo* – o exemplo apresentado, no trabalho referido, é *eu brinco* e *o brinco* –; de outra feita, pode-se ter segmentos materialmente diferentes representando uma mesma palavra, como no par *alguns atores/alguns comediantes*, em que a mudança dos segmentos /z/ e /s/ advém do contexto em que são empregados, não

alterando a palavra. Esses casos mostram visivelmente que a identidade linguística não é material, mas relacional.

Um outro exemplo paradigmático, resgatado no artigo citado (Ernst-Pereira, 2005), é o de Françoise Gadet (1990), relativo às várias ocorrências do termo “senhor”, que, dependendo da situação, pode variar bastante: senhores, senhora, senhoras. Segundo a autora, para nós, tais variações são a mesma palavra, não em virtude da semelhança de sua substância fônica, mas em virtude da impossibilidade de serem reproduzidas por outras palavras. A diferença fônica entre essas ocorrências deve permanecer, admitindo variações circunscritas nos limites da existência de outras palavras do sistema. Isso ocorre também no plano semântico, o que leva Saussure a conceber o signo linguístico como ser aquilo que os outros não são. O que cabe, pois, a salientar é que, na língua, o que existe são identidades e diferenças, ou seja, as unidades linguísticas, por fazerem parte do sistema, são valores.

Importa, neste espaço, acentuar também a relação entre valor e significação em Saussure⁹, uma vez que tal fato possibilita a Pêcheux fazer avançar sua crítica a essa perspectiva e constituir sua proposta semântica que – é necessário dizer – não nega essa dimensão sistêmica da língua; ao contrário, assume-a enquanto base em que se sustentam os processos discursivos. Quanto à significação, esta geralmente é vista como a relação entre significante e significado, restrita às fronteiras da palavra. Entretanto, o princípio da diferença autoriza uma outra interpretação, pois o signo é também a contrapartida dos outros signos da língua e, conseqüentemente, ocorre uma dependência entre eles: “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros” (Pêcheux, 1990b, p. 133).

Procede daí a noção de *valor* subordinada, em seu aspecto conceitual, à significação, mas, de forma contraditória, alocando essa significação sob sua dependência. Duas noções aparentemente conflitantes ocorrem: 1) o valor é um elemento da significação; e 2) a significação está sob a dependência do valor (Gadet, 1990, p. 67). Tal contradição esvai-se, no entanto, se a noção de *valor* saussuriana for empregada apenas para a descrição da parte linguística da significação – os demais aspectos a ela relacionados não pertenceriam ao domínio da ciência linguística.

Decorre dessa contradição um efeito importante a considerar que anula a distinção entre valor e significação, integrando-os ao sistema; é, segundo os autores do artigo *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours* (Haroche; Henry; Pêcheux, 1971), aquele a que se refere a prática do linguista. Enquanto na gramática histórica essa prática incidia em estudos comparativos de elementos linguísticos de línguas diferentes de forma isolada, tentando identificar uma filiação histórica, a linguística pós-saussuriana trabalha, a partir da observação de uma mesma língua, as operações de comutação, comparações regradas etc. Trata-se, pois, do estudo do funcionamento das línguas em seu próprio interior, situado no âmbito de uma linguística geral, concebida como a teoria desse

⁹ Na perspectiva saussuriana, a significação é da ordem da fala e do sujeito, enquanto o valor é da ordem da língua. Na perspectiva do CLG, do ponto de vista da língua, só conta o valor e não a significação (Haroche; Pêcheux; Henry, 1971).

funcionamento. Saliente-se que é o vértice dessa concepção – o princípio da unidade da língua – que autoriza essa prática e permite compreender por que é possível falar de diferentes línguas, dialetos, *pidgins* etc.

Tal visão de língua, ao provocar a emancipação dos estudos linguísticos, desligando-os do psicologismo e do mentalismo excessivos, instituiu a linguística como ciência; mas, como consequência, os estudos que se seguiram, ao deixarem à margem a história e o sujeito (e também a dimensão poética, tomada como objeto nos “Anagramas”) e ao abordarem o fato linguístico separado das implicações de ordem sócio-histórica e de ordem subjetiva, não consideraram o sentido vivenciado. Aqui, resgato a questão feita no artigo *O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux* (Ernst-Pereira, 2005), qual seja: como o sujeito, o sentido e a história poderiam ter lugar na reprodução das estruturas, no jogo de lógicas formais em sua sincronia e na busca de invariantes temporais? Institui-se, assim, com Pêcheux uma concepção oposta à concepção idealista de língua em que há o apagamento do sujeito e o privilégio da lógica e dos signos, concebidos como suportes de significação ao dispor de um sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum e que pensa por meio de conceitos.

Os aspectos desenvolvidos nesse artigo escrito anteriormente foram trazidos à baila com a finalidade de alicerçar a noção de *valor*, essencial para o desenvolvimento do que se segue sobre a possível aproximação entre Saussure e Pêcheux a partir do poético como reverso da língua, conforme interpretação de Gadet e Pêcheux (2004). Independentemente das diferenças apontadas entre a percepção de língua sistêmica e a proposta pela teoria materialista dos processos discursivos em que há o real incontornável da língua – *lalangue*¹⁰ – produzindo os seus efeitos, a questão do valor saussuriano faz-se explicitamente presente na concepção pecheuxtiana de efeito metafórico, fenômeno relativo à operação de substituição de termos em um dado contexto, capaz de produzir deslizamentos de sentido¹¹. Nas palavras de Pêcheux,

Chamaremos de *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* é constitutivo do “sentido” designado por *x* e *y*; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais” em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outros termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua (Pêcheux, 1990, p. 96).

Não é demais destacar que Pêcheux opõe-se à percepção dominante no terreno dos estudos linguísticos de que a língua seria logicamente estável, sistêmica e literal e,

¹⁰ O conceito laciano de *lalangue*, associado à lação, diz respeito ao *real da língua*, isto é, ao irrepresentável simbolicamente. Pensar a língua a partir da *lalague* implica concebê-la sujeita ao equívoco.

¹¹ Pêcheux cita textualmente Saussure: “No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição: se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para seus concorrentes” (Pêcheux, 1990, p. 96).

consequentemente, as chamadas “figuras de linguagem” constituir-se-iam em desvios que supostamente iriam de encontro à naturalidade ou literalidade de uma relação primeira entre a palavra e o mundo. Em outras palavras, seria admitir que, no caso das chamadas “figuras de linguagem”, ter-se-ia um sentido literal que se converteria em metafórico ou metonímico. Essa não é a percepção de Pêcheux. Para ele, o sentido não se encontra preso às palavras, mas decorre das posições em confronto na sociedade; por isso, pode-se falar das mesmas coisas, mas falar diferentemente. Os enunciados, portanto, podem remeter aos mesmos fatos, mas não constroem as mesmas significações (Pêcheux, 1981, p. 20). Nessa perspectiva, a metáfora não é um sentido derivado ou desviante de um sentido original, mas se encontra na própria constituição do sentido e depende da determinação resultante da relação que se estabelece entre a formação discursiva e o interdiscurso¹².

Um enunciado por outro, uma palavra por outra, um sentido por outro ... isso faz eco à noção de *valor* saussuriano, ligada à aceção sistêmica do *Curso de Linguística Geral*, mas também ao trabalho de Saussure com os sentidos em *Anagramas*¹³, reflexões que, numa ótica maniqueísta, são interpretadas como opostas, sendo, sim, sob a tomada de posição aqui assumida, contraditórias. Portanto, o Saussure do CLG é indissociável do Saussure dos *Anagramas*, conforme colocam Gadet e Pêcheux na obra *La langue introuvable* (1981). Para os autores, a questão da relação entre o real e o equívoco encontra-se presente na reflexão de Saussure. A tese assumida por eles no capítulo *Dois Saussure?* dessa obra é que se deve tomar o CLG e os *Anagramas* como conexos e não como excludentes, “sob a perspectiva dominante do conceito de valor, sobre cujas bases é possível articular o impossível a ser dito (os anagramas) com a regularidade do sistema” (Teixeira, 2000, p. 120).

Considerando, pois, a factibilidade de unir os contraditórios, atinge-se a possibilidade de plasticidade própria da estrutura linguística, capaz de conter, em si mesma, o real e o equívoco. Segundo Gadet e Pêcheux,

Munindo essa estrutura da capacidade de se reconfigurar, chega-se à idéia de uma potencialidade criadora interna ao sistema, autorizando a mudança sob a estrutura, o deslizamento da massa falante sob a sistematicidade, as significações surgidas na fala sob o campo em equilíbrio da língua: a fala torna-se assim o outro da língua, ao mesmo tempo interior e exterior a ela, sua causa e seu resultado no sujeito falante (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 56).

O conceito de *língua*, dessa forma, toma uma outra configuração em que a presença do real e do equívoco, quase sempre bloqueada na ciência linguística, intervém. Assim, o resto (ou o resíduo) que não é acolhido pela visão rigorosamente estruturante do conceito, o desvio

¹² Esses dois conceitos – *formação discursiva* (FD) e *interdiscurso* – são fundamentais no campo da Análise de Discurso pêcheuxtiana e dizem respeito respectivamente ao espaço em que se constituem os sentidos que determinam o sujeito e ao exterior de uma determinada FD que incide em seu interior – espaço de memória que abarca a multiplicidade dos sentidos e dos efeitos de articulação e encadeamento.

¹³ O trabalho de Saussure sobre os anagramas foi realizado no período compreendido entre 1906 e 1909 e publicado por Jean Starobinski no final da década de sessenta, tendo provocado diferentes debates no campo dos estudos da linguagem, cujo mote era o Saussure do *Curso de Linguística Geral*, situado no campo da teoria linguística, e o Saussure dos *Anagramas*, situado no campo da poética.

que nele não cabe e o deslizamento de sentido que ameaça o equilíbrio do sistema e sua cientificidade tornam-se o seu reverso. Tal fato, para os autores, só é concebível “sob o domínio do conceito de valor” (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 57). Para eles, diferentemente das teorias linguísticas que tratam o poético como “lugar de efeitos especiais”, Saussure dos *Anagramas* “faz do poético um deslizamento inerente a toda a linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua” (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 58). Assim, embora o espaço do valor seja o sistêmico, ele é “capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (Gadet; Pêcheux, 2004, p. 59).

Essa interpretação ressoa em formulações de Pêcheux como as que se seguem:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente).

[...] Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux, 1990, p. 53).

Tais citações dizem respeito a esse importante ponto de encontro entre Pêcheux e Saussure e trazem em si a necessidade de trabalhar aquilo que escapa à consistência e à estabilidade (pretensa) da representação lógica dos espaços semanticamente normais. É necessário, no entanto, dizer que essa perspectiva não significa abonar uma possível posição de que o sentido possa ser qualquer um, pois, para os analistas de discurso, ele é sempre dependente das redes e dos trajetos de memória, mas sublinhar que a possibilidade de “desestruturação-reestruturação” dos sentidos encontra-se, de forma potencial e (im)prevista, em todo e qualquer discurso, devendo ser considerada como própria da ordem da língua, capaz de provocar o deslizamento poético na materialidade significante, encetado pela história e pela memória do dizer. Assim, o deslize, a falha, a ambiguidade e o absurdo são constitutivos da língua e resultantes do “impulso metafórico interno da discursividade, pela qual a língua se inscreve na história” (Pêcheux, 1994, p. 62).

É nesse ponto de encontro que a ciência da linguagem se depara com o registro do inconsciente, na medida em que

[...] o sentido é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido [...] enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição de metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (Pêcheux, 1988, p. 300).

Portanto, a ordem da língua falha. Sujeita à ordem do inconsciente e à ordem da história em que incide o real (na acepção psicanalítica), o trabalho de Saussure com os *Anagramas*, conforme interpretado por Starobinski, e o trabalho de Pêcheux, no Anexo III de

*Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*¹⁴, dentre outros¹⁵, concebem a ordem da língua sujeita a deslizamentos e rupturas em sua materialidade significativa através do processo metafórico (uma palavra por outra, uma expressão por outra ...) por meio do qual se estabelece o efeito poético. Diz-nos Pêcheux: "nada da poesia é estranho à língua" e "nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia" (Pêcheux, 1990, p. 51). Saussure percebeu (e confirmou) esse fato com seu trabalho sobre os anagramas. Pêcheux incorporou-o à teoria.

Concluo esta reflexão, resgatando as duas questões apresentadas inicialmente, referentes à relação possível de ser estabelecida entre elementos provenientes de regiões aparentemente tão díspares quanto a do teatro e a da ciência linguística e à (in)viabilidade da ligação entre Saussure e Pêcheux sobre a questão do sentido. Essas questões encontram-se, na medida em que o casaco de Arlequim – "combinação descombinada, feita de pedaços, de trapos de todos os tamanhos, mil formas e cores variadas, de idades diversas, de proveniências diferentes, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem nenhuma atenção às combinações" (Serres, 1993, p. 2) – atendeu a dois propósitos, metaforizando, neste espaço: i) o abandono da *síntese unitária*, em termos de Serres (1993), que (pre) vê a mestiçagem na construção do conhecimento, e da *coerção lógica disjuntiva*¹⁶, em termos pecheuxtianos, que restringe as possibilidades de interpretação e separa os contraditórios; e ii) a presença do objeto língua afetado pelo heteróclito, pelo real, pelo *nonsense* ou pelo impossível na/da língua.

Referências

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 2005.

ERNST-PEREIRA, A. O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux". *Estudos da língua(gem)*, v. 1, n. 1, p. 23-30, 2005.

GADET, F. *Saussure. Une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. Dois Saussure? In: GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível. O discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *La Langue Introuvable*. Paris: Maspero, 1981.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos, SP: Pedro e João, 2007. p. 12-32.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, p. 93-106, 1971.

¹⁴ O título do Anexo III é "Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação".

¹⁵ Refiro-me aos textos: *A língua inatingível* (2004); *Delimitações, inversões, deslocamentos* (1990); *Ler o arquivo hoje* (2010); *O discurso. Estrutura ou acontecimento* (1990); *Remontémons de Foucault a Spinoza* (1980).

¹⁶ Não cabe mais considerar *ou Saussure ou Pêcheux*, num processo excludente que anula a influência do primeiro sobre o segundo. Ao contrário, postulamos a aproximação dos dois autores no que diz respeito ao sentido.

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*. (RE)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990b.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990a.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 19, p. 7-24, 1990.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. *et al.* (Orgs.). *Gestos de leitura: a história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 55-66.

PÊCHEUX, M. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. Remontémons de Foucault a Spinoza. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – EL DISCURSO POLÍTICO: TEORIA Y ANÁLISIS, Cidade do México, 1977. *Anais [...]*. Cidade do México: UNAM/Nueva imagen, 1980. p. 181-199.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Orlandi, E. *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos lingüísticos*, v. 1, n. 2, p. 7-32, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRES, M. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise*. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Recebido em: 19/05/2023.

Aceito em: 08/07/2023.